

Sessão 24 - Limehouse Blues - Ato 1

(17 de maio de 1925 — A cidade está atrás da luz.)

Eles se dividiram.

Você lembra disso.

Ou ao menos acha que lembra.

Os homens foram ao pub.

As mulheres, com Peter, deram voltas pela zona portuária.

Era madrugada ou manhã?

O céu não estava escuro, mas tampouco claro.

Alguns disseram que era reflexo da cidade, o fog de Londres.

Mas você viu estrelas. E mais de uma lua.

O caminhão da Ferris & Filhos estava lá.

Carregado. Fechado.

Mas alguém esteve dentro dele.

O vidro da janela do motorista tinha uma impressão - de rosto, ou de palma.

Mako não comentou.

Mas depois, no navio, ela passou a mão no rosto por três vezes.

Como se limpasse algo que não estava lá.

Peter contornou o navio.

Duas rampas. Uma luz. Nenhum movimento.

Tudo parecia... à espera.

Mako subiu.

Sem falar. Sem hesitar.

Como quem repete um gesto antigo.

O resto seguiu. Evelyn ficou.

Ela disse a Peter para manter o motor ligado.

Não explicou.

Não precisava.

No pub, JAMES foi abordado por Vera.

Ela conhecia homens como ele.

Soldados que esquecem o motivo pelo qual lutaram.
Homens que confundem desejo com domínio.
Ela falou do capitão.
De uma mulher ferida.
Do corpo boiando no rio.
E de um homem que sorriu para ela uma vez, com a pele estalada como ouro velho.
Ela disse que o sorriso durou mais do que deveria.

James perguntou sobre Puneet.
Ela respondeu olhando para um espelho.
Talvez tenha visto alguém ali.
Talvez você também tenha.

No navio, Evelyn, Rosa e Mako hesitavam.
Rosa falou algo.
Mas depois negou.
Ela sempre faz isso.
Já fez quando era adolescente.
Já fez quando... aquilo aconteceu.
O que ela chama de sonho.
O que os médicos chamaram de nervo uterino.

Desceram.

No porão, caixas.
Algumas seladas.
Outras abertas.
Uma tinha símbolos.
Outra, um recorte de jornal amassado.
Evelyn o leu.
Mas não contou a ninguém.

No pub, James falou com Torvak.
Disse o necessário.
Foi eficaz.

Torvak pareceu reconhecer algo.
Não nas palavras.
Mas no modo de olhar.
Homens assim se reconhecem em silêncio.
Pelas cicatrizes que não mostram.

Septimus observava.
Alguém o observava de volta.
Um dos homens na mesa parecia não piscar.
Mas quando ele encarou, a cadeira estava vazia.

O grupo se reuniu.
O carro mudado de lugar.
Peter não falou nada.

James chamou.
Alguém respondeu.
Talvez Evelyn. Talvez Rosa.
Talvez ninguém.
Mas a escotilha se abriu.

No porão, caixas da Henson.
Museu do Cairo.
Manifestações.
Marcas apagadas.
Uma delas... Evelyn ficou tempo demais olhando.
Parecia escrita com ferrugem.
Ou sangue.
Ou tinta da mesma cor que o céu entre as estrelas Híades.

Disseram que o navio era antigo.
Foi reconstruído.
Registrado com outro nome.
Mas Evelyn sabia.
Sabia por que já tinha visto aquela forma.
Num mapa que não foi desenhado para ser lido com olhos humanos.

Voltaram às docas.
Falaram com Puneet.
O escritório era limpo.
Organizado.
Demais.
Evelyn gostou.
Mas depois se arrependeu.

Conversaram.
Mentiram um pouco.
Falaram de carga.
De Alexandria.
De Xangai.

Puneet resistiu.
Até Evelyn falar de vermes.
De reencarnação impura.
De voltar como coisa sem alma.
Isso o abalou.

Ele entregou o manifesto.
James não acreditou.
Disse que poderia ser falso.
Talvez dissesse isso por instinto.
Talvez por medo de que estivesse verdadeiro demais.

Puneet falou de um desvio de rota.
Falou de um destino apagado.
Evelyn perguntou.
Ele não respondeu.
Mas ela viu.
Na tinta desbotada.
Um nome que não era nome.
Um lugar que não existe.
Mas que todas as noites nasce à beira de um lago que não reflete as

estrelas.

À sombra de Aldebarã.

A sessão acabou.

Mas os olhares não cessaram.

Evelyn se sentiu mal.

Como se tivesse aprendido algo que não deveria.

Rosa permaneceu em silêncio.

Talvez por escolha.

Talvez não.

Mako perguntou, casualmente, se a explosão do caminhão havia sido investigada.

Ninguém entendeu o comentário.

Mas ela não explicou.

Septimus fechou os olhos.

Disse o nome dela em silêncio.

Só uma vez.

E não o repetiu.

James passou a mão pelo rosto.

Estava trêmulo.

Ou excitado.

Ou ambos.

Peter segurava o volante com força.

Mas não estava mais dirigindo.

E na janela havia um reflexo.

Ou talvez fosse só a luz.

Ou talvez fosse a cidade.

Aquela que aparece atrás da luz.

Atrás das duas luas.

Atrás do nome que você já leu demais.